

O DISCURSO ESCRITO DE CRIANÇAS EM PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Andréa Pessoa dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (a.pessoas70@gmail.com)

Resumo: Este estudo apresenta aspectos teórico-metodológicos do Projeto de Extensão “A organização da escrita de crianças em processos de alfabetização” desenvolvido na UERJ/FEBF (2017/2018). Expandindo estudos anteriores acerca da produção do discurso na esfera escolar, partimos do pressuposto de que a escola é um espaço formal de aprendizagem da linguagem, lócus de interações verbais, onde alunos, professores e todos os envolvidos se confrontam com produções discursivas que se realizam através de enunciados concretos em determinado contexto de realização. As práticas discursivas se desdobram na escola através de produções textuais elaboradas por sujeitos que possuem papéis sociais e funções a eles relacionados, sejam para fins pedagógicos e/ou para o próprio andamento desta esfera de circulação de discursos. O objetivo do Projeto é compreender como as crianças organizam seus textos escritos ao aprenderem os diferentes gêneros de discurso propostos em sala de aula. Assumindo a perspectiva discursiva da linguagem de Bakhtin, visamos superar análises e práticas pedagógicas que somente se baseiam na descrição da “língua-sistema” (e texto-sistema de signos) para, sem negá-la, estudar, a partir da compreensão da “língua-discurso” (e texto-enunciado), os modos como crianças que vivenciam processos de alfabetização organizam e atribuem sentidos aos seus textos escritos, produzidos em sala de aula.

Palavras-chave: Linguagem, Alfabetização, Gêneros do discurso

Introdução

A fragilidade do desempenho do uso da modalidade escrita da língua entre os estudantes egressos da educação básica brasileira é lugar comum no cenário da educação pública do país. Esse cenário vem sendo sistematicamente alardeada pelo conjunto de seus protagonistas, entretanto, raras vezes o alarde evoluiu para uma avaliação abrangente das diferentes ordens do problema. Para fugir das análises superficiais e imediatistas é preciso estar atento à natureza da linguagem escrita, seus modos de funcionamento, suas relações com a cultura, sua relação com a ideologia e suas diversas finalidades assumidas socialmente.

Considerando alguns dos vigorosos estudos que se detiveram a rever caminhos indissociáveis entre linguagem, escrita e poder (Gnerre, 2009), bem como às práticas pedagógicas pautadas por diferentes concepções de linguagem e escola, partimos do pressuposto de que a escrita sempre esteve inserida nas relações de poder instituídas pelas sociedades grafocêntricas. O papel da escrita nas sociedades letradas sempre esteve associado ao chamado “cinturão de poder” (Rama, 1985). Nessa direção, a escrita vem sendo garantida para poucos e, na contramão da ideia de difusão do conhecimento, o acesso à cultura letrada continua sendo oferecido restritamente.

Os indicadores dos baixos níveis de desempenho de leitura e escrita dos estudantes brasileiros vêm servindo a projetos societários que, há décadas, visam à precarização e à baixa qualidade do ensino “das letras primeiras letras” para grupos socioculturalmente desprestigiados na sociedade. As raras políticas educacionais contrárias à instauração deste projeto de expropriação do saber vêm sendo sufocadas pelas elites políticas e econômicas deste país, desde a sua colonização.

Nos últimos quarenta anos inúmeros pesquisadores brasileiros debruçaram-se sistemática e incansavelmente sobre a complexidade do trabalho com a linguagem verbal oral e escrita na escola, sob o viés de produções acadêmicas das áreas da Psicologia, da Pedagogia e das Ciências linguísticas. Os princípios teórico-metodológicos discutidos ao longo deste período impactaram, de diferentes modos, os paradigmas que sustentavam as práticas pedagógicas habitualmente usadas na alfabetização. Novos estatutos teóricos e diferentes conceitos organizadores de um ensino da linguagem verbal oral e escrita, subsidiados por uma forte influência dos estudos sócio-históricos da aprendizagem, da psicologia sócio-histórica, da psicogênese da escrita infantil, da linguística textual e da chamada linguística enunciativa, ou da enunciação, travaram embates contra a hegemonia de concepções associacionistas no processo de alfabetização.

No que se refere ao processo de alfabetização, tais paradigmas propõem, por exemplo, que, para além do domínio do sistema ortográfico-alfabético, o estudante, recém-saído dos anos iniciais destinado à alfabetização (1º ciclo), precisa se ocupar de aspectos mais aprofundados relativos à importância do uso da escrita como atividade real de enunciação em situações de interação.

Reafirmando a importância do enfrentamento de tais pressupostos, o Projeto de Extensão “A organização da escrita de crianças em processos de alfabetização” vem problematizando e compreendendo, de modo ampliado, aspectos variados da organização do discurso infantil, materializado em textos escritos, produzidos a partir de relações de ensino estabelecidas em aulas destinadas à produção de textos, em escolas de Ensino Fundamental da Baixada Fluminense.

Desse modo, o Projeto visa possibilitar reflexões sobre aspectos da organização do discurso escrito de alunos em processo de alfabetização, a partir da compreensão da complexidade da prática didático-pedagógica empreendida em aulas voltadas à produção de textos escritos em sala de aula. Nesse processo, consideramos os gêneros trabalhados, as relações de ensino e as relações discursivas

estabelecidas a partir de diferentes orientações didáticas empreendidas pelo professor alfabetizador.

A busca pelo entendimento da organização da escrita de crianças em processos de alfabetização tem nos levado a um aprofundamento de aspectos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos que, no âmbito do ensino e aprendizagem da linguagem escrita na educação básica, possam subsidiar mudanças nas relações de ensino e aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim, através de encontros presenciais, professores dos anos iniciais de escolarização, orientadores pedagógicos, orientadores educacionais das redes de ensino da Baixada Fluminense, e discentes da UERJ/FEBF, vêm refletindo sobre a complexidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, entendidos como processos discursivos.

Nessa direção, e assumindo a perspectiva da alfabetização como um processo discursivo (SMOLKA, 1987; GOULART, 2000), buscamos: 1) cotejar posições responsivas assumidas na dinâmica da alternância dos sujeitos do discurso, implicados no curso das *relações dialógicas* e *relações de ensino*, estabelecidas no espaço-tempo de sala de aula; 2) compreender aspectos que indiciem as vozes sociais agenciadas na elaboração dos projetos enunciativos de alunos e professores, revelados no curso das negociações de sentidos na dinâmica da sala de aula e, por fim 3) caracterizar aspectos que indiciem as vozes sociais agenciadas na execução dos projetos enunciativos dos escreventes, entrevistas nos textos infantis analisados.

Contextualização teórico-metodológica

O enfoque metodológico assumido é de cunho qualitativo (ALVES, 1991; BOGDAN; BIKLEN, 1994), vinculado à metodologia do paradigma indiciário de Ginzburg (2002), modelo epistemológico fundado na investigação de *dados singulares* que podem ser altamente reveladores daquilo que se busca conhecer. Esse paradigma já se mostrou bastante pertinente e adequado às análises de cunho enunciativo que buscaram pormenores reveladores e indícios qualificados de aspectos do processo e da organização da escrita infantil, sobretudo, em âmbito escolar (ABAURRE, 1997; PACHECO, 1997; GOULART, 2000; CÔRREA, 2006). Nossa ancoragem sobre concepções de aprendizagem, de alfabetização como processo discursivo e relações de ensino tomou como referência as formulações desenvolvidas por Smolka (1987; 2003), Goulart (2000; 2014).

Assumimos os pressupostos da teoria da enunciação de Bakhtin (1992; 2003), focalizando especificamente sua concepção de linguagem e formulações sobre texto, gêneros do discurso, alteridade, dialogismo e hibridismo considerados aqui como noções inalienáveis à composição da arquitetura do ato responsável dos sujeitos que vêm sendo acompanhados nesse Projeto.

Com Bakhtin (2003), entendemos que o *texto* (enunciado) das ciências humanas se contrapõe ao *texto* (sistema de signos), uma vez que o segundo pode ser traduzido numa lógica geral dos sistemas de signo, mas o primeiro nunca poderá ser traduzido até o fim, pois não existe um potencial texto único dos textos que garanta um sentido único do texto. Assim, ressaltamos que os textos que compõem o *corpus* da investigação feita estão sendo entendidos como *textos/enunciados*.

Para Bakhtin, a posição singular, incessante e permanente dos atos humanos é questão crucial a ser considerada nas investigações científicas, sobretudo, nas ciências humanas, onde a linguagem, e, sobretudo, o *texto* é considerado o *dado primário* a *realidade imediata* da chamada *Ciências do texto/Ciências do espírito*, que a diferencia das ciências naturais. Entendendo a linguagem como uma ação sobre o mundo, Bakhtin sinaliza que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso concreto da linguagem.

Em seu artigo “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas”, Bakhtin (2003) esclarece-nos que o *texto* a que se refere tem sentido amplo. Assim, entende o *texto* como qualquer conjunto coerente de signos. Signos esses dialógicos e ideológicos. O texto é o que determina a diferença entre o objeto de pesquisa das ciências sociais e as ciências naturais.

Ressaltando que não está interessado em aprofundar a história das ciências humanas, na perspectiva do estudo de texto, sob o viés da filologia ou da linguística, Bakhtin anuncia seu interesse pela especificidade das ciências humanas “[...] voltado para o pensamento, sentidos e significados dos outros, etc. realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto. Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida [...] são pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”. (BAKHTIN, 2003, p. 307-308).

Compreendendo que o texto (enquanto enunciado) se constitui a partir de um sujeito, de um autor na comunicação discursiva real, e não na abstração de uma autoria como na análise linguística convencional, Bakhtin salienta que são dois os elementos que determinam o texto: 1) a sua ideia (intenção) e 2) a realização dessa

intenção. E é na interação dinâmica e viva desses elementos que o texto é entendido enquanto enunciado. E o enunciado tem um projeto de dizer de um sujeito.

Por trás de cada texto sempre existirão dois polos: 1) o aspecto técnico, característico de um sistema da linguagem (que corresponde a tudo que é repetido e reproduzido no texto) e 2) a individualidade, a singularidade do texto único, polo que diferencia o *texto*, enquanto enunciado, do *texto* enquanto sistema, nos limites da linguística e da filologia.

O pensamento das Ciências Humanas nasce como pensamento sobre o pensamento dos outros, só o texto pode ser o ponto de partida de qualquer disciplina em Ciências Humanas. Na Ciência do texto/Ciência do espírito, “[...] o espírito (o meu e o do outro) não pode ser dado como coisa (objeto imediato das ciências naturais), mas apenas como expressão semiótica, na realização em textos tanto para mim quanto para o outro.” (BAKHTIN, 2003, p. 310).

Assim, Bakhtin defende uma teoria do texto que se ocupe da sutileza, da singularidade, da unicidade significante (semiótica) e das compreensões aprofundadas do texto, enquanto enunciado.

O texto (enunciado) se contrapõe ao texto (sistema de signos) uma vez que o segundo pode ser traduzido *numa* lógica geral dos sistemas de signo, mas o *texto*, enquanto enunciado, nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um potencial texto único dos textos que garanta um sentido único desse texto. O texto (enunciado) se desenvolve na fronteira de muitas consciências, de muitos sujeitos, na inter-relação do *texto* (objeto de estudo e reflexão) e do *contexto* emoldurador a ser criado (que interroga e faz objeções).

Partindo desta premissa, da natureza do texto enquanto enunciado, e da natureza alteritária e dialógica do enunciado concreto, Bakhtin propõe nova perspectiva científica para os estudos das ciências humanas ao aprofundar sua investigação sobre a essencialidade da alteridade e do dialogismo na linguagem, eixos nucleares de suas proposições.

A partir da compreensão do contraste axiológico do *eu/outro*, Bakhtin entende que o homem se constitui a partir do outro, dos outros discursos, assim, numa espécie de lei constitutiva do sujeito e do discurso, o *eu* perde o lugar de centro da enunciação que passa a ser compartilhado como o *outro*. Desse modo, ao perder o lugar central, o sujeito não se fixa nem no eu nem no tu, fixa-se, por assim dizer, no espaço dialógico e enunciativo que se instaura num movimento contínuo de vozes que se entrecruzam na interlocução, e na dialogização interna do discurso.

Partindo da perspectiva bakhtiniana, também assumimos, como Sobral (2009, p. 86-87), que o *texto* é “[...] o plano material de realização dos discursos e gêneros, ou melhor, dos gêneros via discursos.” Sendo assim, os *textos escritos* serão analisados a partir da recomendação de Sobral (2009) de *ver o texto com os olhos do gênero*, pois os textos só adquirem sentidos no âmbito de gêneros que, como práticas sociais, realizam-se mediante as funções discursivo-ideológicas específicas nas diferentes esferas da atividade humana, conforme as coerções sociais e genéricas que lhes cabem. O texto só ganha sentido ao ser tomado como discurso, como uma manifestação verbal do sujeito em dado contexto, cujas marcas encontram-se no próprio texto. Nessa direção, compreendemos que os sentidos advêm das mobilizações de textos pelos discursos realizados a partir de gêneros do discurso.

Olhando para os textos infantis com os *olhos de quem vê gêneros do discurso*, tem sido imprescindível atentar para a arquitetônica da enunciação, que nos indica a impossibilidade de desvincularmos o texto (enunciado) do contexto extraverbal, pertencente à própria esfera da atividade onde se situa o gênero que mobiliza o texto analisado. De acordo com tal premissa, estabelecemos que as aulas observadas e os textos escritos, serão analisados a partir de *focos* inspirados nos princípios “macrogenéricos” e “microgenéricos” apresentados por Sobral (2009).

Por fim, parece indispensável apontar que estamos buscando compreender o contexto de produção em que os *textos* são escritos, considerando as diversas coerções impostas à própria esfera observada e aos gêneros a ela atrelados. Caminhamos no sentido de compreender as possíveis articulações entre as relações dialógicas estabelecidas nas aulas subsidiadas por diferentes orientações didáticas, dispensadas à produção de gêneros distintos.

No dizer de Amorim (2004, p. 19), as vozes sociais constituem “[...] a espessura discursiva que se coloca aqui como horizonte e como limite da análise do texto de pesquisa”. Nessa direção, e considerando os diversos *textos* implicados nas interações discursivas promovidas nas aulas observadas, buscamos compreender, portanto, a *espessura discursiva* constitutiva dos textos escritos produzidos por crianças em sala de aula.

A fim de estabelecer focos de análises que nos permitam detectar indícios das relações estabelecidas nas situações concretas das aulas observadas e na organização dos textos escritos, reafirmamos que o enunciado concreto é o principal eixo de análise dessa investigação. Analisaremos tanto os enunciados escritos produzidos pelos estudantes acompanhados, quanto os enunciados estabelecidos entre esses estudantes e seus professores nas aulas observadas.

Ao mobilizar os discursos, os textos ganham marcas conforme os projetos e os funcionamentos enunciativos por eles empreendidos. As relações dialógicas marcam os gêneros em seus próprios elementos constitutivos: o *conteúdo temático*, *forma composicional* e *estilo do gênero*. Os gêneros estão sendo compreendidos aqui a partir de suas *estabilidades instáveis*. Estabilidades instáveis próprias à língua enquanto uma *sistematização aberta*.

Entendendo a importância de aspectos peculiares dos textos, vistos “com os olhos de gêneros”, analisaremos, mais detidamente, elementos que, segundo Sobral (2009), podem ser entendidos como princípios *microgenéricos* da análise, tais como: elementos que caracterizam os textos como membros de um gênero, e revelam suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção, os modos de esse gênero criar interações entre locutor e interlocutor e os modos como o locutor busca levar o interlocutor a aceitar as teses defendidas em seu projeto enunciativo no âmbito do gênero.

Para tanto, o Projeto de Extensão vem sendo realizado a partir da articulação de dois movimentos: 1) acompanhamento e análise de práticas didático-pedagógicas, voltada à produção de textos escritos em sala de aula, realizadas por professores regentes dos anos iniciais de do ensino fundamental de redes públicas de ensino; 2) análise do conjunto de textos produzidos por estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, que vêm sendo acompanhados pelos participantes do Projeto (professores, orientadores pedagógicos, orientadores educacionais e discentes da FEBF/UERJ).

Sobre o desenvolvimento do Projeto

A crescente investida contra as Universidades públicas brasileiras vem dificultando a realização das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão. A ofensiva em curso, que visa promover o desmonte das Universidades públicas, impôs inúmeros desafios à UERJ, sobretudo, no ano de 2017. Diante desse cenário adverso, o cronograma original estabelecido para a realização do referido Projeto de Extensão passou por algumas alterações devido aos enfrentamentos sofridos pela UERJ para a execução do calendário acadêmico de 2017.

No horizonte das realizações possíveis, continuamos resistindo e conseguimos superar, ainda que parcialmente, os desafios estabelecidos a fim de atingirmos o objetivo central previsto em nosso Projeto: possibilitar reflexões sobre aspectos da organização do discurso escrito de alunos em processo de alfabetização, a partir da compreensão da complexidade da prática didático-pedagógica empreendida em aulas voltadas à produção de textos escritos em sala de aula.

Inicialmente, realizamos a divulgação do projeto junto às escolas do sistema de Ensino da Baixada Fluminense, e discentes da UERJ/FEBF. Os encontros presenciais foram iniciados no segundo semestre 2017 e seguem em curso nesse primeiro semestre de 2018. A partir de reuniões quinzenais estabelecemos, ainda em 2017, as pautas de estudos para o aprofundamento teórico-metodológico que subsidiaria o Projeto.

Outro aspecto importante a ressaltar é que no segundo semestre do ano passado estabelecemos articulação com o Curso de Extensão intitulado: “Formação continuada de professores: construção permanente de práticas de alfabetização”, coordenado pela professora doutora Marize Peixoto (UERJ/FEBF), que teve como foco a ação alfabetizadora e o uso das ferramentas de internet para o trabalho com a leitura e a escrita, atingindo aproximadamente 80 professores que atuam nos laboratórios de informática da rede Municipal de Caxias.

A articulação e participação nesse Curso nos possibilitou a exposição da fundamentação teórico do nosso Projeto de Extensão, gerando interesse e a adesão ao mesmo por parte de alguns participantes do referido Curso. A partir de intensas trocas dialógicas constituídas ao longo das experiências estabelecidas, começamos nosso estudo sobre a fundamentação teórico-metodológica, iniciando pela concepção de linguagem na perspectiva do Círculo de Bakhtin (2010) e estudos desenvolvidos por Smolka (1987; 2003), Goulart (2000; 2014a) sobre concepções de aprendizagem, relações de ensino e da compreensão da alfabetização como processo discursivo.

Os participantes vêm se dedicando à compreensão de pressupostos teóricos que tratam de aspectos do processo de produção e de organização do discurso escrito infantil. Como o levantamento do material de pesquisa só teve início no presente semestre, os referidos aspectos vêm sendo observados, inicialmente, em estudos anteriores (SMOLKA, 1988; GOULART, 2014b; SANTOS, 2015, 2017). Esses estudos partem da análise de marcas linguísticas de movimentos discursivos que, entre réplicas e tréplicas, indiciam aspectos relevantes da produção e organização do discurso escrito infantil, e que “afiguram” as relações dialógicas estabelecidas no processo de produção textual.

Temos observado com interesse que os participantes (orientadores pedagógicos, orientadores educacionais das redes de ensino da Baixada Fluminense, e discentes da UERJ/FEBF) já compreendem o modo como as práticas pedagógicas podem subsidiar mudanças nas relações de ensino e aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental.

Considerações Finais

Ao definir que a perspectiva teórico-metodológica assumida prevê a articulação entre os princípios de uma análise dialógica do discurso (BAKHTIN, 2003) e os princípios de uma análise indiciária (GINZBURG, 2002), estamos entendendo que os textos infantis, enquanto enunciados concretos, não podem ser desvinculados do contexto extraverbal. Conjugando tais perspectivas, assumimos que os enunciados analisados devem ser compreendidos a partir de singularidades, com vistas aos detalhes, ao particular de cada enunciado. Sob essa ótica, a articulação desses pressupostos vem possibilitando a compreensão de aspectos relevantes da organização do texto escrito infantil e de seus movimentos dialógicos (GOULART, 2014b; SANTOS, 2015).

Os resultados das análises empreendidas sobre as práticas didático-pedagógicas observadas ainda são bem embrionários e serão apresentados no segundo semestre de 2018, através de artigos que serão compartilhados em espaços virtuais. Assim, pretendemos criar e fomentar um ambiente virtual de permanente divulgação e troca das análises realizadas, a fim de disseminar a produção de conhecimentos e compreensões do trabalho com a linguagem escrita na escola e, mais especificamente, conforme já anunciamos, em relação à organização do discurso escrito infantil produzido em sala de aula.

Compreendendo que a Extensão possibilita uma relações de aproximação da universidade com a sociedade, nosso Projeto visa oferecer aos professores alfabetizadores, orientadores pedagógicos, orientadores educacionais das redes de ensino da Baixada Fluminense, e discentes da UERJ/FEBF, reflexões e análises sobre a complexidade das relações de ensino observadas a partir das práticas didático-pedagógicas empreendidas, e análises de textos escritos infantis, à luz da própria complexidade da atividade de linguagem desenvolvida na escola. Visa contribuir, também, para o fomento de reflexões pertinentes aos desafios de se assumir uma prática pedagógica subsidiada pela concepção discursiva da linguagem.

Referências

ABAURRE, M^a Bernadete M. et al. Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1997.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio 1991.

AMORIM, Marília. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knoop. Características da investigação qualitativa. In: _____. Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teorias e aos métodos. Porto-Portugal: Porto Editora, [1991] 1994.

CORRÊA, Manoel L. G.. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, 45, n. 2, p. 205-224, Jul./Dez, 2006.

GOULART, Cecília M. A. A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola. Caderno de Pesquisa, n. 110, p. 157-175, jul. 2000.

_____. Enunciar é argumentar: analisando um episódio de uma aula de História com base em Bakhtin. Revista Pro-Posições, v. 18, n. 3 (54), p. 93- 107, set./dez. 2007.

_____. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. Revista Bakhtiniana, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-51, ago./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19514/15593>>. Acesso em: 2 dez. 2014a.

_____. Perspectivas de alfabetização: lições da pesquisa e da prática pedagógica. Raído (Online), v. 8, p. 157-175, 2014b.

_____; SANTOS, Andréa Pessôa dos. Estudos do discurso como referência para processos de alfabetização em perspectiva discursiva. In: _____.; GONTIJO, Cláudia M. M.; FERREIRO, Norma S. de A. (Orgs.). A Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2017.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1985] 2009.

PACHECO, Cecília M. Goulart. Era uma vez os sete cabritinhos: a gênese do processo de produção de textos escritos. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

RAMA, Angel. A cidade das letras. Tradução Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTOS, Andréa Pessoa dos. Linguagem, gêneros do discurso e práticas pedagógicas: a organização dos textos escritos de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro: 2015.

SMOLKA, Ana Luiza B. A alfabetização como processo discursivo. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

_____. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, [1988] 2003.

SOBRAL, Adail Ubirajara. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1º sem. 2009.